FORMAS DE ESCOLARIZAÇÃO E CONFLITOS NO COTIDIANO: UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM SOBRADINHO-BA A PARTIR DA OBRA "FORMAS DE ESCOLARIZAÇÃO SECUNDÁRIA E SÓCIO-GÊNESE DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O GINÁSIO RUY BARBOSA EM JUAZEIRO, BA, (1953-1963)", DE RODRIGUES (2009)

FORMS OF SCHOOLING AND EVERYDAY CONFLICTS: A PERSPECTIVE ON SCHOOL VIOLENCE IN SOBRADINHO, BAHIA, BASED ON THE WORK "FORMS OF SECONDARY SCHOOLING AND THE SOCIO-GENESIS OF A SCHOOL INSTITUTION: THE RUY BARBOSA JUNIOR HIGH SCHOOL IN JUAZEIRO, BAHIA (1953–1963)," BY RODRIGUES (2009)

https://doi.org/10.63330/aurumpub.074-008

José Henrique Aquino de Souza
Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor de Língua Portuguesa pela Secretaria Municipal de Educação de Sobradinho-BA.

José Roberto Gomes Rodrigues
Orientador
Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando desde 1992. Residência Pós-Doutoral no Centro de Pesquisas em História da Educação (GEPHE) do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE-UFMG, como Bolsista Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do CNPq (2013-2015). É Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia no Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiárido da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DCH-III, em Juazeiro - BA.

Resumo

O presente trabalho, elaborado para a disciplina "Formas de Escolarização e Sistemas de Ensino", do Programa de Pós-Graduação, em nível de mestrado, em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), do campus Juazeiro-BA, tem como objetivo central analisar as bases teórico-metodológicas e conceituais que regem as instituições escolares e os processos de escolarização presentes, sobretudo, a partir da obra base "Formas de escolarização secundária e sócio-gênese de uma instituição escolar: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro, BA, (1953-1963)", de Rodrigues (2009), bem como compreender como a imposição de um arbitrário cultural e as estruturas das relações de força no seio do campo educacional produzem e reproduzem tensões que se manifestam contemporaneamente sob as formas de violência no ambiente escolar. Para tanto, toma-se como base de leitura o item 3 (Da perspectiva teórico-metodológica e referências conceituais (da pesquisa desenvolvida)) e 8 (Outro aspecto mais amplo e geral), das orientações da disciplina, realizando uma detalhada articulação entre a tese de doutorado do Prof. Dr. José Roberto Gomes Rodrigues (2009), as obras clássicas de "A Reprodução", de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1992), "A economia das trocas simbólicas", de mesmo autor (2005) e "Escritos de Educação", dos organizadores Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (2007), além do anteprojeto de pesquisa de mestrado focado nos efeitos da violência escolar nos anos finais do Ensino Fundamental no município de

Sobradinho-BA. A metodologia adotada fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, em face, sobretudo, do estudo de Rodrigues (2009), atrelado ao contexto do município de Sobradinho-BA, percorrendo artigos, sites, livros e produções científicas voltadas a compreender como os ensinamentos de Rodrigues (2009) e Bourdieu e Passeron (1992; 2005; 2007) podem contribuir para o entendimento dos contextos de violência no ambiente escolar, levando em consideração sua cultura e espaços de poder/forças. Além de autores secundários que contribuem para a reflexão entre violência, espaço escolar, consequências, corpo docente e formação continuada.

Palavras-chave: Campo Educacional; Cultura Escolar; Formas de Escolarização; Sobradinho-BA; Violência Simbólica.

Abstract

The present final paper, developed for the course "Forms of Schooling and Education Systems" of the Graduate Program in Education, Culture, and Semiarid Territories (PPGESA) at the Juazeiro-BA campus, centrally aims to analyze the theoretical-methodological and conceptual foundations that govern school institutions and ongoing schooling processes. This analysis is fundamentally based on the cornerstone work "Forms of secondary schooling and socio-genesis of a school institution: the Ruy Barbosa Gymnasium in Juazeiro, BA, (1953-1963)" by Rodrigues (2009). Additionally, it seeks to understand how the imposition of a cultural arbitrary and the structures of power relations within the educational field produce and reproduce tensions that manifest contemporaneously as forms of pedagogical violence in the school environment. To this end, the reading is grounded on item 3 (From the theoretical-methodological perspective and conceptual references (of the developed research)) and item 8 (Another broader and general aspect) of the course guidelines. It performs a detailed articulation between the doctoral dissertation of Prof. Dr. José Roberto Gomes Rodrigues (2009); the classic works "Reproduction in Education, Society and Culture" by Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron (1992), "Language and Symbolic Power" or "The Economy of Symbolic Exchanges" by the same author (2005), and "Escritos de Educação" edited by Maria Alice Nogueira and Afrânio Catani (2007); as well as the master's research pre-project focused on the effects of school violence in the final years of Middle School in the municipality of Sobradinho-BA. The adopted methodology is based on bibliographical research, drawing primarily from the study by Rodrigues (2009) tied to the context of the municipality of Sobradinho-BA. It examines articles, websites, books, and scientific productions aimed at understanding how the teachings of Rodrigues (2009) and Bourdieu and Passeron (1992; 2005; 2007) can contribute to the comprehension of violence contexts in the school environment, taking into account its culture and spaces of power. Furthermore, secondary authors are

included to contribute to the reflection on violence, school space, consequences, teaching staff, and continuing education.

Keywords: Educational Field; Forms of Schooling; School Culture; Sobradinho-BA; Symbolic Violence.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão do sistema de ensino contemporâneo exige do pesquisador em educação uma imersão profunda nas raízes históricas e sociológicas que estruturaram as instituições escolares ao longo dos séculos. Longe de ser um ambiente neutro e puramente técnico dedicado à transmissão vertical de conhecimentos, a escola constitui-se historicamente como um espaço permeado por tomadas de posição cultural, disputas políticas e correlações de força simbólica entre diferentes agentes sociais. Assim sendo, Bourdieu (2007, p. 241) apresenta:

> (...) o sistema de ensino não cumpre apenas uma função ideológica, mas de fato concede a sanção de seus veredictos a uma das formas mais encobertas e mais eficazes do privilégio de classe, aquilo que se poderia denominar o privilégio de uma forte aceleração.

Frente a isso, o indivíduo que chega ao espaço educacional acaba por ser excluído, ganhando uma posição de desvantagem em detrimento a outros que já possuem um contexto social de prestígio, isto é, famílias com cargas culturais e de influência elevadas, contribuindo, portanto, com uma "aceleração" nos estudos. Em conexão ao exposto, como bem adverte Bourdieu (2007), é necessário romper com as perguntas e problemáticas postas pelo senso comum e para que se possa apreender o real funcionamento das instâncias educativas.

No âmbito da disciplina "Formas de Escolarização e Sistemas de Ensino", do PPGESA, a exigência de elaboração do trabalho final evoca a necessidade de ler e refletir sobre a obra de Rodrigues (2009), intitulada "Formas de Escolarização Secundária e Sócio-Gênese de uma Instituição Escolar: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro-BA (1953-1963)", articulando-a diretamente com o tema do projeto de pesquisa do mestrando "A violência escolar: desafios e impactos no processo de ensino-aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental no contexto do município de Sobradinho-BA" e sua estreita relação com fatores contextuais, culturais, sociais e de poder.

Nesse sentido, a problemática delimitada para este trabalho reside no cruzamento entre a perspectiva sócio-histórica institucional desenvolvida por Rodrigues (2009) em âmbito regional, os fundamentos sociológicos da violência simbólica propostos por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1992) em "A Reprodução", e a realidade empírica observada no cotidiano docente do município de Sobradinho-BA, onde

casos crescentes de violência escolar e *bullying* desafiam os processos de ensino-aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental.

A metodologia acolhida centra-se em uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritiva, a partir, sobretudo, do estudo de Rodrigues (2009), atrelado ao contexto do município de Sobradinho-BA, percorrendo artigos, *sites*, livros e produções científicas voltadas a compreender como os ensinamentos deste e de Bourdieu e Passeron (1992; 2005; 2007) podem contribuir para o entendimento dos contextos de violência no ambiente escolar, levando em consideração a cultura e espaços de poder em que se encontra o educandário. Nesse viés, o levantamento teórico possibilita aprofundar, ainda, as discussões acerca da temática investigada, bem como fundamentar as análises desenvolvidas ao longo do estudo.

A escolha pelo desenvolvimento do Item 3 das orientações de trabalho (focada na perspectiva teórico-metodológica e referências conceituais da pesquisa), além do item 8 (Outro aspecto mais amplo e geral), justificam-se pela possibilidade de demonstrar que os conflitos escolares atuais não são fenômenos isolados ou puramente psicológicos, mas sim o reflexo de tensões estruturais ligadas às formas de escolarização e à maneira como a instituição escolar lida com a diversificação de seu público discente, partindo como base a historicidade de Juazeiro-BA e segundo em direção ao município de Sobradinho-BA.

Dentre alguns desses motivos, a seguir, é apresentado um modelo, chamado de ecológico, sintetizado por Krug *et al.* (2002, p. 13 *apud* Assis; Njaine; Marriel, 2025, p. 46) que evidencia a compreensão do contexto da violência:

> O primeiro nível do modelo ecológico, o individual, leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetradora da violência. O nível relacional diz respeito às relações sociais próximas – por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos e membros da família – que aumentam o risco para vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa os contextos comunitários das relações, como as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, e busca identificar as características desses cenários associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetradora da violência. Por fim, o último nível do modelo ecológico analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência.

Levando em consideração os episódios constantes de *bullying* escolar na instituição em que o autor deste trabalho atua como educador, sobretudo os casos de violência física entre os alunos, foi o que motivou a desenvolver este artigo científico em consonância com algumas bases teóricas da investigação de Rodrigues (2009). Esse tipo de violência compromete os processos de ensino e aprendizagem, além do aumento de episódios de ansiedade e evasão escolar. Essas violências reverberam no convívio entre alunos dentro e fora do contexto escolar (Souza, 2025).

É importante mencionar que *bullying* é todo ato sistemático que tem como objetivo ferir outrem:

> (...) é manifestado por alguém (um indivíduo ou um grupo de indivíduos) e tem como alvo outro indivíduo. Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento activo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima) (Seixas, 2005, p. 98).

Por fim, o artigo está estruturado em seções que revisam a tese regional de Rodrigues (2009), aprofundam as teorias de Bourdieu e Passeron (1992; 2005; 2007), bem como teóricos que discutem as manifestações de violência física e outras e violência simbólica em Sobradinho-BA, concluindo com apontamentos sobre a formação docente e a análise de conteúdo de trabalhos realizados, tais como o de Assis, Njaine e Marriel (2025), Malta *et al.* (2025), Silva, Vilela e Oliveira (2024), Silva *et al*. (2014) e Silva e Rosa (2013).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DA ESCOLARIZAÇÃO REGIONAL: O LEGADO DE RODRIGUES (2009)

Para compreender a dinâmica de constituição das instituições escolares na região do Vale do São Francisco, torna-se obrigatório recorrer ao estudo sócio-histórico empreendido por Rodrigues (2009). Em sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da USP, o autor analisa o processo de criação, instalação e desenvolvimento do Ginásio Ruy Barbosa (GRB) na cidade de Juazeiro-BA, entre os anos de 1953 e 1963. A opção conceitual de Rodrigues (2009) afasta-se deliberadamente das análises historiográficas convencionais que tratam a expansão escolar como um reflexo mecânico e direto das forças econômicas ou demográficas, preferindo adotar uma abordagem fundada na história das relações e na sociologia institucional.

Rodrigues (2009) utiliza como categorias centrais de seu método de investigação as noções de 1) campo educacional, 2) relações de força, 3) formas de escolarização e 4) violência simbólica, demonstrando uma clara apropriação da teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu. Que, segundo este, refere-se a "campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objectivas impostas a todos os que entram nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interacções directas entre os agentes" (1989, p. 134). De tal forma, constitui-se aqui o âmbito educacional como sendo um *campo* composto por relações de poder e que os indivíduos devem, por sua vez, seguir passos, regras, procedimentos, critérios etc.

O Ginásio Ruy Barbosa, longe de ser uma instituição isolada no universo baiano, é interpretado como um elemento dinâmico inserido dentro de uma totalidade social e de um campo mais amplo da escolarização secundária da sociedade brasileira. Nesse ínterim, Rodrigues (2009) postula:

> Os resultados revelaram, entretanto, que a história dessa instituição faz parte de uma totalidade, como um elemento que se encontra dentro de um campo mais amplo nesse universo da escolarização secundária da sociedade brasileira, em sua institucionalização e na relação escolarização-sociedade e com o campo de produção cultural local, marcadamente dinâmicos, no período da expansão dos ginásios nos finais dos anos quarenta e início dos anos sessenta (p. 1).

A investigação desse teórico ímpar supracitado demonstra que a gênese e a estruturação do GRB foram permeadas por intensas lutas internas e disputas políticas locais, envolvendo a Cooperativa Cultural de Juazeiro Responsabilidade Ltda. como entidade mantenedora, o diretor idealizador Agostinho José Muniz e as elites tradicionais da cidade. O autor opera com a diferenciação metodológica entre "escola" (do ponto de vista geral) e "estabelecimento de ensino" (enquanto definição institucional e específica), coletando dados por meio de arquivos oficiais em Juazeiro e Salvador, além de entrevistas semiestruturadas com ex-professores, ex-alunos e fundadores. Ao sintetizar essa dinâmica em suas conclusões, o cientista explicita:

> O que distingue a história dessa instituição escolar é a forma como se processa a sua construção sócio-histórica, a gênese e a estruturação, permeada por um conjunto de relações ocorridas em meio às ações, condutas e atitudes dos diversos agentes implicados nesse campo de lutas e espaço social (Rodrigues, 2009, p. 1).

Essa metodologia de "objetivação reflexiva" e crítica das fontes serve de modelo para o presente artigo, pois valida a tese de que a instalação de qualquer modalidade de ensino (seja o ginasial secundário em meados do século XX ou os anos finais do Ensino Fundamental na contemporaneidade, séc. XXI) gera um espaço social de tomadas de posição e conflitos que marcam a cultura escolar e moldam o *habitus* dos agentes envolvidos. Destaca-se ainda que, para Bourdieu (1989), *habitus* é um conjunto de padrões internalizados, incluindo pressuposições e até preconceitos que configuram a maneira que vemos a realidade a qual nos cerca. Isto é, são os elementos que constituem o próprio ser (valores, ideologias etc.).

2.2 OS FUNDAMENTOS DA TEORIA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM BOURDIEU E PASSERON (1992)

Se a pesquisa de Rodrigues (2009) operacionaliza os conceitos sociológicos no plano histórico-regional da Bahia, a fundamentação rigorosa desses conceitos encontra-se na obra “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, de Bourdieu e Passeron (1992). Publicada originalmente na França em 1970, a obra estabelece um sistema de proposições lógicas interligadas por relações necessárias que buscam desvelar a verdade objetiva da ação pedagógica.

O ponto de partida da obra é o célebre princípio que enuncia de forma categórica: "Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força" (Bourdieu; Passeron, 1992, p. 16). Os autores alertam no prefácio que a pior leitura deste texto seria a moralizante que transformasse as comprovações de fato em denúncias ou justificações éticas, pois os conceitos de "violência" e "arbitrário" são utilizados aqui em sentido estritamente técnico e sociológico. Em resumo, o sistema educacional e cultural acaba por privilegiar quem já tem poder, porém isso é feito/imposto de modo sutil para que os indivíduos acreditem que esse percurso faz parte de uma ordem natural das coisas.

A partir dessa citação, no contexto escolar, a figura do professor, como representante institucional do ambiente escolar, assume tanto uma postura de agressor, quanto de vítima. Na primeira, não necessariamente a utilização da força em si, mas um poder “invisível”, o qual é representado, muitas vezes, por quem detém uma postura de dominação sobre a outra, que, nesse caso, é à do profissional da educação em detrimento do estudante. No contexto analisado, a violência simbólica manifesta-se predominantemente perante a posição de autoridade ocupada pelo docente.

Assis, Njaine e Marriel (2025) assinalam uma “crise de autoridade”, na relação aluno-docente, que estimula uma espécie de categorização nas interações de educador/discentes que acaba criando um bloqueio nos vínculos comunicacionais. O que se percebe, também, como influência para o que foi citado anteriormente de a vítima não contar à autoridade da sala as manifestações agressivas.

À vista disso, no desenvolvimento do livro, Bourdieu e Passeron (1992) estruturam a teoria em torno de três eixos fundamentais que nos servem de base teórica direta: de início, a Ação Pedagógica (AP), que é explicada pela proposição 1 como uma forma de violência simbólica. Ela funciona como a imposição de uma cultura específica por meio de um poder arbitrário. Trata-se de algo arbitrário porque os valores e significados que definem a cultura da classe dominante não dependem de nenhuma lei natural ou universal.

Em seguida, a proposição 2 apresenta a Autoridade Pedagógica (AuP), mostrando que qualquer ação necessita dessa autoridade e de uma autonomia relativa da escola para ser exercida. A força simbólica da AuP está no fato de que as pessoas não percebem a imposição cultural como um ato de força. Essa realidade é mascarada socialmente, o que faz com que a escola seja reconhecida como uma autoridade legítima.

Por último, o Trabalho Pedagógico (TP), baseado na proposição 3, define-se como o esforço contínuo de inculcação cultural (imposição de valores, hábitos, culturas). Esse trabalho precisa ser longo o bastante para criar um *habitus*, ou seja, uma formação duradoura. Assim, o indivíduo interioriza as regras daquela cultura de modo que elas continuem orientando suas ações mesmo depois de concluídos os seus estudos.

Na prática escolar, esse mecanismo de inculcação e seleção se materializa nos processos de avaliação. Tal dinâmica corrobora a exemplificação que Soares (2011, p. 12) apresenta ao expor que "os testes e provas a que é submetido[1] são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de pressupostos etnocêntricos, que supõem familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes". Dessa forma, as provas não medem o esforço ou a inteligência pura, mas sim o nível de proximidade que o estudante já tinha com a cultura valorizada pela escola. E, nesse contexto, sobressai-se os que possuem um maior capital cultural.

Em complemento, a grande contribuição de "A Reprodução" para este artigo reside na demonstração de que o Sistema de Ensino (SE) dominante tende a assegurar o monopólio da violência simbólica legítima, reproduzindo a estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes e, por conseguinte, colaborando para a manutenção da ordem e a reprodução social. O TP escolar dissimula as relações de força que o sustentam, fazendo com que a cultura dominante seja internalizada pelos agentes como a única cultura legítima e universal. De igual modo, Bourdieu e Passeron (1992, p. 25) concluem:

> (...) as leis do mercado em que se forma o valor económico ou simbólico, isto é, o valor enquanto capital cultural, dos arbitrários culturais reproduzidos pelas diferentes AP e, por esse meio, dos produtos dessas AP (indivíduos educados), constituem um dos mecanismos (...) pelos quais se encontra assegurada a reprodução social, definida como reprodução da estrutura das relações de força entre as classes.

Em síntese, os autores apresentam, na esplêndida citação, que a escola acaba por ser um espaço que reproduz as desigualdades, ao incentivar que os que já possuem maior capital cultural permaneçam no topo, pois esta valoriza uma cultura dominante, à da elite, e quem não a possui fica em uma posição de desprivilegio. Com isso, as desigualdades sociais passam a ser vistas como naturais, passando de gerações e perpetuando a ideia de "mérito", desconsiderando os que estão em posição de desvantagem (a classe dominada).

Cumpre notar, em complemento, que a violência simbólica, caracterizada por Bourdieu e Passeron (1992) como um poder invisível que atua por meio do consentimento e da interiorização do arbitrário cultural, opera em um registro de visibilidade distinto das agressões cotidianas observadas no ambiente escolar. Contudo, existe um nexo causal e estrutural entre ambas. Ao impor uma cultura dominante e deslegitimar as culturas originárias das classes desfavorecidas, a instituição escolar gera um enrijecimento silencioso, um sentimento de inadequação e exclusão que afeta diretamente o *habitus* dos discentes. É no ápice desse choque institucional, em que as assimetrias de poder e as frustrações da exclusão simbólica não

[1] Aqui se compreende a ideia implícita de "aluno", "indivíduo", "estudante".

encontram canais de mediação, que a violência velada deságua e se materializa em conflitos explícitos no cotidiano.

2.3 FORMAS DE ESCOLARIZAÇÃO E A EMERGÊNCIA DA VIOLÊNCIA EDUCACIONAL EM SOBRADINHO-BA

A articulação entre a sócio-história de Rodrigues (2009) e a teoria da reprodução de Bourdieu e Passeron (1992) ganha materialidade empírica quando analisamos os desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas públicas municipais de Sobradinho-BA. No contexto atual, observa-se um aumento alarmante nos casos de violência no ambiente educacional brasileiro.

Dados divulgados pela Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, 2025) indicam que, entre os anos de 2013 e 2023, as práticas de violência no ambiente escolar registraram um crescimento superior a 250% no Brasil. Nesse cenário, conforme aponta Bourdieu (2007), no livro "A Economia das Trocas Simbólicas": "A sociedade é vista como um campo de batalha operando com base nas relações de força manifestadas dentro da área da significação"[2].

Essa realidade nacional reflete de modo severo no estado da Bahia. Utilizando como base teórica o Atlas da Violência (Ipea, 2024) e dados do Mapa da Violência por Estados (2022), constata-se que a Bahia apresenta índices de homicídios e criminalidade que se situam expressivamente acima da média nacional. No ano de 2022, o número de homicídios registrados entre jovens de 15 a 29 anos na unidade federativa atingiu o alarmante patamar de 4.030 casos. Esses dados de violência territorializada, impulsionados possivelmente por conflitos ligados ao tráfico de drogas e criminalidade no Estado da BA e, assim, reverberam diretamente no interior dos espaços escolares em Sobradinho-BA.

Ao analisarmos essa realidade sob a ótica das "Formas de Escolarização", percebe-se que os anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) constituem um momento crítico de transição institucional. É nesta etapa que os discentes, vivenciando a transição da infância para a adolescência, são inseridos em uma estrutura escolar mais fragmentada, multipartida por disciplinas isoladas e múltiplos professores, herança daquela modernidade institucional e organização pedagógica descrita na história do ensino secundário brasileiro.

A partir da experiência docente do autor em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental em Sobradinho-BA, observam-se situações recorrentes de conflito escolar que dialogam com a literatura sobre violência, *bullying* e exclusão simbólica. Entre os episódios recorrentes identificados na realidade docente do pesquisador, destacam-se: violência patrimonial e exclusão: casos de subtração intencional de pertences e materiais de aluna com deficiência física. Violência de gênero e homofobia: tratamentos homofóbicos e

[2] Citação retirada da capa do livro "A economia das trocas simbólicas (2025)", de Pierre Bourdieu.

humilhações sistemáticas direcionadas a estudantes com termos pejorativos como "viadinho". Violência racial: práticas de racismo estrutural e injúria racial manifestadas de forma explícita entre os colegas através de ofensas como "seu preto".

Com isso, Sergio Miceli, na introdução do livro “ A economia das trocas simbólicas”, de Bourdieu (2007, p. 12), expõe: “a cultura produz uma representação do mundo social imediatamente ajustada à estrutura das relações sócio-econômicas que, doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de força vigentes”

Conforme apontam Assis, Njaine e Marriel (2025), a violência escolar é o resultado de uma complexa interação de fatores individuais, comunitários, sociais e de relacionamentos estabelecidos. Sob a lente de Bourdieu e Passeron (1992), essas atitudes agressivas revelam um choque entre o arbitrário cultural imposto pela instituição escolar e os *habitus* originários dos estudantes, convertendo o espaço educacional em um ambiente de segregação, onde as relações de força sociais se reproduzem de forma brutal. Malta *et al.* (2025) ressonam que essas intimidações provocam danos severos à saúde mental dos adolescentes, gerando ansiedade, baixa autoestima, depressão, ideação suicida e, em última instância, o baixo rendimento e a evasão escolar.

Para compreender a natureza desse choque institucional, Bourdieu e Passeron (1992, p. 20) esclarecem: "Toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural." Desse modo, a agressão que emerge no cotidiano das turmas de 9º ano, como exemplo, em Sobradinho-BA, pode ser interpretada como um sintoma desse esquadro institucional, em que o padrão considerado legítimo pela escola colide com as realidades culturais e sociais trazidas de fora pelos discentes.

2.4 O TRABALHO PEDAGÓGICO (TP) E O DESPREPARO DOCENTE DIANTE DOS CONFLITOS INSTITUCIONAIS

Diante da intensificação dos episódios de violência conforme relatado, emerge um problema central relacionado à eficácia do Trabalho Pedagógico (TP) e à autoridade dos agentes escolares. O estudo desenvolvido por Silva *et al.* (2014) revela que os professores frequentemente enfrentam uma faceta dramática do problema: a nítida sensação de despreparo para lidar com as situações de violência no contexto escolar. Os docentes reconhecem a complexidade desses conflitos, mas encontram extremas dificuldades em localizar as soluções necessárias e articuladas. Por isso, consoante Moehlecke (2025, p. 40), “torna-se necessário criar metodologias que empreguem uma pluralidade de linguagens e materiais de apoio orientados para mudanças de mentalidade, atitudes e práticas individuais e coletivas”.

Essa sensação de impotência e despreparo pode ser explicada teoricamente pela crise da Autoridade Pedagógica (AuP) na escola contemporânea. Bourdieu e Passeron (1992) determinam que a AP só produz seu efeito próprio quando são dadas as condições sociais da imposição legítima, as quais não dependem apenas da vontade individual do professor, mas sim do peso da instituição no campo social mais amplo. Quando o território em que a escola está inserida é marcado por altos índices de violência e vulnerabilidade social, as representações de legitimidade que sustentavam o "trabalho escolar" tradicional entram em colapso.

Com efeito, no Livro “A Reprodução”, os autores explicitam que: "Uma AP dominante tende menos a inculcar a informação constitutiva da cultura dominante (...) do que a inculcar o fato realizado da legitimidade da cultura dominante." (Bourdieu; Passeron, 1992, p. 52). Diante disso, percebe-se que os desafios pedagógicos enfrentados no cotidiano de Sobradinho-BA não decorrem de uma falha de caráter estritamente individual do professor. Na realidade, os profissionais se sentem desarmados, porque a própria dinâmica estrutural da escola foca na imposição de uma legitimidade institucional que, muitas vezes, exclui de forma sutil e silenciosa os educandos que não possuem o *habitus* exigido pela cultura escolar legítima.

Segundo Moehlecke (2025, p. 38) é necessário, entre outras iniciativas, proporcionar a comunidade “a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, bem como a todas as formas de discriminação e violações de direitos (...)” e, em paralelo, um processo que possa dar apoio aos profissionais que, em muitas situações, ficam desassistidos frente aos elevados número de práticas de agressões. A supracitada autora conclui que é relevante dar “(...) formação continuada dos trabalhadores da educação para lidar criticamente com tais temas”, que impulsionam as situações de violência.

O docente, destituído dos apoios institucionais e sem dispor de políticas públicas de apoio e formação continuada, vê-se forçado a tentar resolver individualmente conflitos de ordem estrutural. Conforme ressaltado por Silva e Rosa (2013), as discussões acadêmicas apontam a urgência de processos formativos constantes que capacitem o profissional a identificar as ocorrências de *bullying* e a mediar conflitos de forma mais eficaz. A formação continuada constitui-se, assim, como uma das principais ferramentas pedagógicas para o enfrentamento dessa problemática, permitindo repensar as práticas de ensino e assegurar um ambiente propício ao desenvolvimento integral do educando:

> Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais." (Bourdieu, 2007, p. 53).

A partir dessa premissa, compreende-se que a superação da violência escolar e das práticas de segregação nas turmas de 9º ano, por exemplo, em Sobradinho-BA, exija uma tomada de posição que ultrapasse o mero voluntarismo ou o assistencialismo pedagógico. É preciso que os processos de formação continuada ofereçam ferramentas teóricas e práticas capazes de fazer o corpo docente reconhecer as assimetrias culturais de base, evitando que a escola funcione apenas como uma agência legitimadora das desigualdades e dos conflitos que dela decorrem. Por fim, Soares (2011), na produção Linguagem e escola, coaduna: "o que se deve reconhecer é que há uma diversidade de 'culturas', diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes e complexas". (p. 11).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho final permitiu operar uma rica articulação teórica entre diferentes tempos e espaços da investigação educacional na Bahia. A imersão na tese sócio-histórica de Rodrigues (2009) demonstrou que as instituições escolares são campos dinâmicos estruturados por lutas internas, relações de força simbólica e tomadas de posição política entre agentes sociais concretos.

Por sua vez, a revisão dos fundamentos sociológicos de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, entre outras obras, conferiu o rigor conceitual necessário para compreender que a imposição de um arbitrário cultural pelo sistema de ensino gera inevitavelmente resistências, desajustes e conflitos estruturais quando a escola falha em ler as contradições de seu público.

Ao transferirmos essas ferramentas analíticas para o estudo da violência escolar nos anos finais do Ensino Fundamental em Sobradinho-BA, percebe-se que as manifestações contemporâneas de *bullying*, homofobia e racismo, por exemplo, não podem ser interpretadas de forma simplista ou isolada. Elas constituem sintomas agudos de uma crise de legitimidade institucional e de um descompasso estrutural entre as exigências formais da cultura escolar e a realidade territorializada de vulnerabilidade social em que os agentes escolares estão inseridos.

Em contrapartida, vale destacar que as teorias de Bourdieu, embora complexas em sua densidade conceitual, revelam-se de fundamental importância dentro do contexto educacional contemporâneo. Elas permitem compreender, entre outros aspectos, como se relaciona a ideia de violência aos *habitus* dos discentes dentro de um *campo* educacional marcado por dominações e assimetrias de poder, no qual frequentemente se sobressai o indivíduo detentor de maior capital cultural.

Espera-se que este trabalho, mesmo introdutório, possa auxiliar a comunidade acadêmica a vislumbrar que a violência escolar compreende diversos elementos, desde a aspectos sociais, simbólicos, culturas, políticos e econômicos; e como a escola contribui para a manutenção de poderes desiguais entre

os estudantes. Outrossim, de que modo a inserção dos estudos de Rodrigues (2009), no contexto de Juazeiro, pode contribuir para o entendimento de outras realidades.

Conclui-se, em alinhamento com as diretrizes da disciplina, que o estudo aprofundado das "Formas de Escolarização" fornece subsídios fundamentais para que os profissionais da educação superem a sensação de despreparo e a ineficácia das ações pedagógicas isoladas. A superação da violência nas escolas públicas do semiárido baiano exige mais do que a mera aplicação de sanções meramente punitivas; requer uma profunda reestruturação do Trabalho Pedagógico (TP), o fortalecimento institucional da formação continuada docente, do apoio institucional, quando necessário, e o efetivo cumprimento dos marcos legais de proteção integral e dignidade humana que regulamentam o direito à educação democrática no país.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; MARRIEL, N. S. M. **Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola**. 2. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2025.

Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros / coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14031/12/AtlasViolencia2024.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. - São Paulo: Perspectiva, 2005. — (Coleção estudos ; 20 / dirigida por J. Guinsburg).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Escritos de educação / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 9. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. – (Ciências sociais da educação).

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prática de bullying por estudantes de 13 a 17 anos segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2019). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 28, p. e250003, 2025.

MOEHLECKE, Sabrina. Por uma cultura de educação em direitos humanos. *In*: ASSIS, Simone Gonçalves de *et al*. (orgs.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. 2. ed., ver., atual. e ampl. - Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2025. p. 19-43.

QUEIROZ, Christina. Violência escolar aumenta nos últimos 10 anos no Brasil. **Revista Fapesp**, ed. 350, 3 abr. 2025. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/violencia-escolar-aumenta-nos-ultimos-10-anos-no-brasil/. Acesso em: 30 jun. 2026.

RODRIGUES, José Roberto Gomes. **Formas de Escolarização Secundária e Sócio-Gênese de uma Instituição Escolar**: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro-BA (1953-1963**).** 2009. 334p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15092009-143907/fr.html. Acesso em: 30 jun. 2026.

SEIXAS, Sónia Raquel. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Análise Psicológica**, v. 23, n. 2, p. 97-110, 2005. Disponível em: http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/75. Acessado em: 3 jul. 2026.

SILVA, Elizângela Napoleão; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, p. 329-338, 2013.

SILVA, Marta Angélica Iossi et al. O olhar de professores sobre o bullying e implicações para a atuação da enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 723-730, 2014.

SOARES, Magda. **Língua e liberdade**: por uma nova concepção da língua materna. Celso Pedro Luft. - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

SOUZA, J. H. A. Bullying Físico no Ambiente Escolar: Vozes Estudantis e Práticas Pedagógicas na Construção de uma Cultura de Respeito. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 25, p. 1-20, 2025. ISSN: 2965-6672.

SOUSA, José Raul; SANTOS, Simone Cabral Marinho. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 137-154, 2020.